

GUERRA HÍBRIDA: AMBIGUIDADE CONCEITUAL E IMPRECISÃO EPISTEMOLÓGICA

HYBRID WARFARE: CONCEPTUAL AMBIGUITY AND EPISTEMOLOGICAL IMPRECISION

MARCO ANTONIO DE FREITAS COUTINHO

RESUMO

O fenômeno da guerra baliza a história, mas seu futuro é influenciado pela própria evolução da sociedade. Tem ocorrido uma crescente discussão, no âmbito das ciências militares, sobre a evolução do combate no ciclo pós-guerra fria, que vem progressivamente adotando uma mistura de táticas e métodos convencionais e irregulares, mediante execução descentralizada, com presença crescente de atores não-estatais e uso, dentre outros, de meios cibernéticos e outras tecnologias cada vez mais sofisticadas no campo de batalha, gerando técnicas, táticas e procedimentos cada vez mais inovadores e disruptivos. Desde a década de 2000 surgiu uma discussão relativa ao aparecimento de uma nova tipologia de guerra baseada nessas características, denominadas ameaças híbridas, e que vem recebendo no Brasil a classificação de guerras híbridas, sendo denominadas por alguns autores no exterior como hybrid wars, e por outros, como hybrid warfare. A partir da eclosão do conflito verificado na Ucrânia em 2014, a discussão vem tomando maior dimensão. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise sobre o fenômeno do emprego das ameaças híbridas no contexto das crises, conflitos armados e guerras, procurando identificar suas origens, o seu eventual enquadramento nas tipologias da guerra e, ainda, a forma como tais ameaças têm sido abordadas em diferentes países e arranjos de segurança e defesa. Como conclusão, se buscará confirmar ou refutar a hipótese de que o surgimento das ameaças híbridas dá origem a uma nova tipologia da guerra no âmbito das ciências militares.

PALAVRAS-CHAVE: Poder Militar; Estratégia; Conceito Operativo; Métodos Estratégicos; Coerção.

ABSTRACT

The phenomenon of war marks history. However, its future is influenced by the very evolution of society. There has been a growing discussion within the Military Sciences about the evolution of combat in the post-Cold War Cycle. A progressively adopted mixture of conventional and irregular tactics and methods was object of discussion, through decentralized execution, with an increasing presence of non-state actors and the use of, among others, cyber means, and other increasingly sophisticated technologies on the battlefield, generating increasingly innovative and disruptive techniques, tactics, and procedures. Since the 2000s, this discussion has arisen regarding the appearance of a new typology of war based on these characteristics, called hybrid threats, and that has been receiving in Brazil the classification of hybrid wars, but at the same time being called by some authors abroad as hybrid warfare. Since the outbreak of the conflict in Ukraine in 2014, the discussion has taken on a greater dimension. In this sense, the present work aims to carry out an analysis on the phenomenon of the use of hybrid threats in the context of crises, armed conflicts and wars, seeking to identify their origins, their eventual framing in the typologies of war and the way such threats have been addressed in different countries and security and defense arrangements. As a conclusion, we will seek to confirm or refute the hypothesis that the emergence of hybrid threats gives rise to a new typology of war in the field of Military Sciences.

KEYWORDS: Military Power; Strategy; Operating Concept; Strategic Methods; Coercion.

O AUTOR

Coronel do Quadro de Material Bélico da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro; Bacharel em Ciências Militares (AMAN, 1986), Mestre em Operações Militares (EsAO, 1994) e Mestre em Ciências Militares (ECEME, 2003). Pós-graduado em Análise de Sistemas e Relações Internacionais. Mestrando em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha)



1 INTRODUÇÃO

O instinto de luta pode ser inato na natureza humana, mas a guerra — a violência organizada — vem com a sociedade organizada. A guerra moldou a história da humanidade, as suas instituições sociais e políticas, os seus valores e ideias. A nossa própria língua, os nossos espaços públicos, as nossas memórias privadas e alguns dos nossos maiores tesouros culturais refletem a glória e a miséria da guerra. A guerra é um assunto incômodo e desafiante, até porque revela tanto os aspectos mais vis como os mais nobres da humanidade (Macmillan, 2021, tradução nossa)¹.

O fenômeno da guerra baliza a história. Mas seu futuro é influenciado pela própria evolução da sociedade, pelos valores e ideias que se desenvolvem, pela forma como a sociedade se organiza, pelas transformações e disputas hegemônicas da geopolítica, pelo impacto do desdobramento de infraestruturas de transporte, pelo fenômeno da urbanização, pelo desenvolvimento científico e tecnológico, dentre tantos outros fatores que poderíamos aqui elencar.

O fato é que a humanidade sempre busca formas e métodos inovadores para conduzir a guerra em face de seu próprio desenvolvimento. Mas é importante observar que os avanços tecnológicos e outros fatores da conjuntura influenciam a arte operacional, normalmente a partir do seu nível tático. No entanto, conforme já nos ensinava Clausewitz (apud Isserson, 2013, p.11, tradução nossa): “As mudanças na natureza das táticas precisam também influenciar a estratégia. Se as manifestações táticas numa determinada situação são diferentes de outras, então, as manifestações estratégicas também devem mudar; de outra forma, elas não serão sequenciais e nem racionais”².

Tem ocorrido uma crescente discussão, no âmbito das ciências militares, sobre a evolução do combate no ciclo pós-guerra fria. Os conflitos das últimas décadas vêm sendo caracterizados por uma mistura de táticas e de métodos convencionais e irregulares, mediante execução descentralizada, com presença crescente de atores não-estatais e uso, dentre outros, de meios cibernéticos, estes últimos de difícil atribuição de responsabilidade. Também se verifica uma combinação de uso de tecnologias tradicionais e outras cada vez mais sofisticadas no campo de batalha, gerando técnicas, táticas e procedimentos cada vez mais inovadores e disruptivos, assim como da necessidade de meios de comando e controle que permitam o essencial domínio da informação e a manutenção dos processos decisórios em todos os níveis, com acerto e tempestividade, em situações cada vez mais complexas.

Entretanto, o grau de complexidade e instabilidade se agrava, principalmente, ao se considerar que todos esses desenvolvimentos vêm ocorrendo em meio a uma conjuntura caracterizada por um processo crescente de disputa hegemônica, com o surgimento da China como uma forte candidata ao papel de liderança global, assim como da Rússia com uma atuação cada vez mais assertiva na tentativa de retomar um papel de relevo no sistema internacional e delimitar seu espaço de influência regional. Tais países constituem apenas exemplos de atores que buscam impor um crescente questionamento ao papel dos Estados Unidos da América (EUA) no sistema internacional. E isso tudo

¹No original: *The instinct to fight may be innate in human nature, but war — organized violence — comes with organized society. War has shaped humanity's history, its social and political institutions, its values, and ideas. Our very language, our public spaces, our private memories, and some of our greatest cultural treasures reflect the glory and the misery of war. War is an uncomfortable and challenging subject not least because it brings out both the vilest and the noblest aspects of humanity.*

²No original: *Changes in the nature of tactics must also influence strategy. If tactical manifestations in a given instance are of a different nature than in another, then strategic manifestations must also change; otherwise, they would not be sequential and rational.*

sem falar no preocupante enfraquecimento do papel do Conselho de Segurança das Nações Unidas e do esgarçamento da arquitetura dos acordos de controle de armas nucleares.

Nessas circunstâncias, não apenas atores estatais, mas também não estatais, vêm lançando mão de novos mecanismos de influência sobre rivais recalcitrantes e, para tal, utilizam-se de um variado conjunto de formas e métodos convencionais e não convencionais para impor a sua vontade e alcançar seus objetivos.

Todo esse contexto deu origem ao uso do termo “ameaças híbridas”, numa tentativa de classificar uma possível nova tendência de desenvolvimento dos conflitos armados, ou de um novo padrão de ameaças para a paz e a segurança internacionais. Na verdade, não se trata de um fenômeno tão recente. De fato, o termo “híbrido” foi introduzido nas discussões sobre conflitos armados com maior intensidade a partir dos anos 2000, e desde então tem sido bastante empregado em diferentes situações, muitas das vezes sem grande rigor científico.

Entretanto, um fato novo tem sido o conflito verificado na Ucrânia a partir de 2014, que vem recebendo no Brasil o rótulo de “Guerra Híbrida” e, mesmo no exterior, se constata que algumas fontes empregam o termo “Hybrid War” e outras o termo “Hybrid Warfare” para a ela se referir. A designação de tal fenômeno entre nós como “Guerra Híbrida” pode dar a entender que se estaria verificando o surgimento de uma nova tipologia da guerra. Entretanto, tal entendimento poderia estar sendo contaminado por uma questão linguística. O termo “warfare” não encontra na língua portuguesa um correspondente adequado, sendo invariavelmente traduzido entre nós pelo vocábulo “guerra”, mesmo entre especialistas das ciências militares. Entretanto, na língua inglesa o vocábulo é definido, de forma distinta, como sendo a atividade de combate numa guerra, geralmente incluindo armamentos e métodos empregados³.

A importância do tema vem sendo reconhecida no âmbito da academia, como o fez o pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Fernando da Silva Rodrigues (2021, p. 46), ao recomendar o aprofundamento do estudo do conceito de Guerra Híbrida a partir de um debate conceitual, promovendo atualizações da Doutrina Militar da Força Terrestre.

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise sobre o fenômeno das ameaças híbridas, a partir da própria epistemologia das terminologias envolvidas, procurando identificar suas origens, o seu eventual enquadramento nas tipologias da guerra e, ainda, a forma como tais ameaças têm sido abordadas em diferentes países e arranjos de segurança e defesa.

Como conclusão, se buscará confirmar ou refutar a hipótese de que o surgimento das ameaças híbridas dá origem a uma nova tipologia da guerra no âmbito das ciências militares. No presente estudo adotaremos o conceito de ciência militar adotado oficialmente pelo Exército Brasileiro, e que a define como um sistema de conhecimentos relativos à arte bélica, obtido mediante pesquisa científica, práticas na esfera militar, experiência e observação dos fenômenos das guerras e dos conflitos, valendo-se da metodologia própria do ensino superior militar (Exército Brasileiro, 2010).

1.1 A concepção das ações híbridas

Segundo o *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats (Hybrid CoE)*, o termo ameaça híbrida refere-se a uma ação conduzida por atores estatais ou não estatais, cujo objetivo

³ Conforme verbete “warfare” da Cambridge Dictionary online. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/warfare>. Acesso em: 21 fev. 2023

é minar ou prejudicar um alvo, influenciando sua tomada de decisão a nível local, regional, estatal ou institucional (European..., 2023)⁴.

Tais ações são, normalmente, coordenadas e sincronizadas e visam a atuar deliberadamente nas vulnerabilidades dos atores estatais, podendo ocorrer em diferentes expressões do poder, tais como a política, a econômica, a militar, a psicossocial e a científica-tecnológica. São conduzidas utilizando uma vasta gama de meios e concebidas, particularmente, para permanecerem abaixo do limiar de atribuição, ou seja, impossibilitando a responsabilização pela sua execução e tornando as ações híbridas muito difíceis de prevenir ou responder (ibid).

A característica principal de uma ação híbrida é a sua ambiguidade, uma vez que os seus executores propositalmente atuam numa zona cinza entre o internacional e o nacional, o legal e o ilegal, a paz e a guerra. Mas segundo o *Hybrid CoE*, a ambiguidade é particularmente criada pela combinação de meios tradicionais (convencionais) e irregulares (não convencionais), estes últimos podendo envolver a desinformação, ataques às infraestruturas críticas, operações cibernéticas, atividades criminosas e o terrorismo.

Nessa mesma linha de pensamento se expressou Najžer (2020, p. 22) pois, segundo ele, a principal característica de um produto híbrido é que ele resulta da fusão de dois antecedentes distintos, nem mais nem menos. No caso em questão, Najžer considera, assim como o *Hybrid CoE*, que as ações híbridas se apoiam numa combinação entre formas e métodos convencionais e não convencionais, que seriam os antecedentes básicos de uma forma híbrida de conduzir a guerra (*Hybrid Warfare*).

Na Figura 1 é apresentado um modelo esquemático de como se verifica a integração entre meios convencionais e não convencionais nas ações híbridas.

Figura 1 – Ações híbridas



Fonte: (Najžer, 2020, p. 31, adaptado pelo autor)

Outra característica das ações híbridas, e que vem se tornando cada vez mais comum, é a utilização de agentes intermediários, que agem por procuração de outros atores interessados e que desejam se manter ocultos. São os chamados agentes proxy, podendo eles ser de natureza militar

⁴Ressalta-se que o Hybrid CoE é uma organização da sociedade civil sediada na Finlândia e que realiza pesquisas voltadas para o fenômeno das ameaças híbridas, mantendo uma cerrada cooperação com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) neste tema.

convencional ou apenas atuar como um ator não convencional, estatal ou não. O emprego dos agentes proxy atende perfeitamente ao propósito de reforçar a proteção contra a atribuição de responsabilidades aos verdadeiros mentores (European..., 2023).

Ainda segundo o *Hybrid CoE* (ibid), a transição hegemônica em curso nas estruturas de poder no sistema internacional proporciona um ambiente particularmente fértil para as ações híbridas. Nesse sentido, até mesmo o aumento da polarização entre valores conservadores e progressistas verificado na esfera interna de muitas sociedades atuais, inclusive no Brasil, pode tornar os Estados mais vulneráveis a interferências externas.

Não se pode deixar de citar o impacto das tecnologias disruptivas, das mídias sociais, da inteligência artificial, da internet das coisas, da computação quântica, da engenharia genética, dentre outras, que ao conformar uma dimensão informacional cada vez mais complexa, criam um ambiente favorável e se apresentam como meios poderosos para a execução das ações híbridas.

2 GUERRA HÍBRIDA (*WAR*) OU GUERRA HÍBRIDA (*WARFARE*): SOBRE O QUE ESTAMOS FALANDO?

O conflito verificado na Ucrânia desde o ano de 2014, e que vem recebendo no Brasil o rótulo de “Guerra Híbrida”, é por muitos considerado um evento que estaria marcando o surgimento de uma nova tipologia da guerra, baseada num largo emprego de ameaças híbridas. Entretanto, a revisão realizada por meio do referencial teórico do presente trabalho nos deixou mais dúvidas do que certezas sobre esse ponto em particular, reforçando a problematização que a hipótese levantada pelo presente trabalho pretende confirmar ou refutar.

O emprego de ameaças híbridas caracterizaria uma tipologia da guerra ou apenas uma estratégia? Essa dúvida se torna mais forte quando se constata que, mesmo no exterior, algumas fontes empregam o termo “*Hybrid War*” e outras o termo “*Hybrid Warfare*”. Particularmente na língua portuguesa, onde o termo “*warfare*” não encontra um correspondente adequado, a escolha pelo vocábulo “guerra” para sua tradução, mesmo entre especialistas das ciências militares, pode redundar num erro epistemológico de precisão.

Mas, a julgar pela observação constante do recentemente publicado Manual *Joint Concept for Competing* (JCC), a dúvida não se restringiria aos falantes da língua portuguesa. Segundo o referido Manual:

Warfare é o mecanismo, método ou modalidade de conflito armado contra um inimigo. É o “como” travar uma guerra. Em contraste, *Warfighting* é sinônimo de travar uma guerra. A mudança na compreensão da força conjunta sobre o método de combater a guerra no nível operacional começou com o conceito conjunto para campanhas integradas em 2018. O JCC alarga este pensamento e argumenta que as mudanças ambientais exigem que a força conjunta sofra uma transformação semelhante e complementar do seu entendimento de *warfare* (como travar uma guerra) no nível estratégico (The Joint Chiefs of Staff, 2023, tradução nossa)⁵ .

Neste sentido, e para evitar continuados erros de entendimento sobre o que se está falando,

⁵No original: *Warfare is the mechanism, method, or modality of armed conflict against an enemy. It is “the how” of waging war. In contrast, warfighting is a synonym for waging war. The shift in Joint Force understanding of warfare at the operational level began with the Joint Concept for Integrated Campaigning in 2018. The JCC expands on this thinking and argues that environmental changes require the Joint Force to undergo a similar and complementary transformation of its understanding of warfare at the strategic level.*

aceitaremos o conselho do *The Joint Chiefs of Staff* e passaremos a não mais utilizar o termo “Guerra” como tradução para a palavra “*Warfare*”.

Tendo em vista o fato de que a “Guerra Híbrida”, seja ela entendida como “*Hybrid War*” (Guerra Híbrida) ou “*Hybrid Warfare*” (modo híbrido de conduzir a guerra), não encontra adequado abrigo no referencial teórico até aqui analisado, passaremos a realizar uma revisão de caráter acadêmico mais abrangente.

2.1 Antecedentes

Com relação ao conceito de *Hybrid Warfare*, a primeira citação identificada se deu por meio da dissertação de mestrado do Tenente Robert G. Walker, do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, trabalho apresentado à *Naval Postgraduate School* dos EUA, ainda no ano de 1998. Partindo da definição para Operações Especiais então adotada pelo Departamento de Defesa dos EUA⁶, Walker defendeu a hipótese de que haveria uma área de intersecção entre tais operações e as operações convencionais, e que justamente ele denominou *Hybrid Warfare*. Segundo ele, este modo de conduzir operações militares possuiria características especiais e convencionais, e operar nestas condições iria requerer uma grande flexibilidade.

É curioso observar que o conceito de Operações Especiais apresentado por Walker poderia muito bem se enquadrar, sem muito esforço intelectual, no conceito de *Hybrid Warfare* de Hoffman:

Operações conduzidas por forças militares e paramilitares especialmente organizadas, treinadas e equipadas para alcançar objetivos militares, políticos, econômicos ou psicológicos, empregando meios militares não convencionais em áreas hostis, negadas, ou politicamente sensíveis. Essas operações são realizadas durante a guerra e operações não guerra, de forma independente ou em coordenação com operações convencionais ou outras forças convencionais. Considerações político-militares frequentemente influenciam diretamente as operações especiais, exigindo técnicas clandestinas ou de baixa visibilidade, assim como supervisão fiscalização em nível nacional (Walker, 1998, p. 4, tradução nossa)⁷.

Em que pese o fato de que Walker não tenha chegado a formular um conceito claro para o *Hybrid Warfare*, ele concluiu que operações na intersecção entre o espectro convencional e especial estavam se tornando comuns, com a realização frequente de operações de paz, de ajuda humanitária ou de evacuação de não-combatentes e, julgava ele, que o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA deveria obter capacidades híbridas para desempenhar esse papel no âmbito das Forças Conjuntas dos EUA (Walker, 1998, p. 98).

Outra referência importante sobre o conceito de *Hybrid Warfare* foi a dissertação de mestrado do Major William J. Nemeth, também do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, que no ano de 2002 elaborou um estudo de caso sobre a Guerra da Chechênia. Analisando o trabalho do

⁶ Joint Pub 1-02, Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms, 1 dec. 1989.

⁷ No original: *Operations conducted by specially organized, trained, and equipped military and paramilitary forces to achieve military, political, economic, or psychological objectives by unconventional military means in hostile, denied, or politically sensitive areas. These operations are conducted during war and operations other than war, independently or in coordination with operations of conventional or other non-special operations forces. Political-military considerations frequently shape special operations, requiring clandestine, covert, or low visibility techniques and oversight at the national level.*

Major Nemeth, verifica-se que seu foco era um pouco diverso do que se está tratando no presente artigo científico, pois na sua argumentação, ele se ateve mais à forma como se estruturavam as forças militares de países que ele chamava de sociedades híbridas, no caso em particular a Chechênia, pouco se aprofundando nas suas estratégias e táticas. No entanto, Nemeth chega a citar que “certamente uma sociedade menor, igualitária, com tecnologia simples e a economia de subsistência tem de conduzir a guerra de forma diferente de um estado altamente organizado, com uma tecnologia complexa e uma economia com excedentes” (Nemeth, 2002, p. 18)⁸.

Entretanto, além de Walker e Nemeth, outros autores já se haviam debruçado sobre a questão do uso combinado de táticas que envolviam aspectos convencionais e irregulares, mesmo que não tenham chegado a adjetivar tais *modus operandi* com o termo híbrido. Citaremos os dois mais relevantes para balizar os antecedentes.

A mais antiga referência foi encontrada na academia russa, de autoria do Tenente-General Maganov, veterano do Exército Soviético, e que publicou no ano de 1996 um artigo científico baseado nas experiências oriundas de guerras ocorridas a partir do ano de 1964, particularmente da Guerra do Vietnã (1964-1975), da Guerra do Afeganistão (1979-1989), da Primeira Guerra do Golfo (1991) e da Guerra da Chechênia (1994). Como lugar comum em todas elas, Maganov identificou formas de emprego convencionais e irregulares ocorrendo no mesmo espaço de batalha, e apontou essa como uma tendência futura. Ele chamou esse tipo de conflito armado como “Guerras Locais”, e já alertava que esse tipo de conflito exigiria o emprego de estratégias especiais para sua condução, seja no nível operacional quanto tático. Segundo Maganov (1996, pp. 1-3), o emprego em guerras locais seria particularmente impactado pelas condições táticas a serem enfrentadas em um teatro de operações onde inexistisse uma definição clara de limites e zonas de ação. Ainda segundo Maganov, essa condicionante teria um efeito determinante no escopo e no desempenho das operações, pois ao mesmo tempo que as tropas teriam que possuir maior independência tática, elas deveriam ainda ser capazes de atuar com alta mobilidade, poder de choque e poder de fogo.

Maganov também já previa a necessidade de que os comandos operacionais deveriam passar a contar com o apoio de agências governamentais e órgãos de segurança civis:

Um lugar especial no contingente das Forças Armadas alocado para resolver problemas em guerras locais deve ser ocupado por agências das forças de segurança interna. As formas de seu uso são diversas, tais como a participação em operações conjuntas, operações independentes (operações de combate), investimentos, fornecimento de grupos especializados e outras formas. Com o início da agressão, as forças de segurança interna podem participar de operações defensivas, aéreas e aeromóveis, participar ou realizar de forma independente operações de combate, incursões, dissuasão, bloqueio, demonstrações de força e dissimulação. Depois de executar tarefas específicas, algumas frações das forças de segurança podem permanecer em reserva (Maganov, 1996, p.3).

As ideias do Gen Maganov e o seu conceito de guerras locais foram formalmente introduzidos na doutrina das Forças Armadas da Federação da Rússia, conforme veremos mais à frente.

Um outro trabalho bastante relevante, e que teve reflexos até mesmo na participação do Brasil na missão de paz no Haiti, teve origem num artigo publicado em 1999 pelo então Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, General Charles Krulak, onde ele lançou o conceito de

⁸No original: *Certainly a smaller, egalitarian society with simple technology and subsistence economy has to conduct warfare differently from a modern highly organized state with a complex technology and surplus economy.*

“*Three-Block War*” (guerra em três quarteirões), baseado na experiência do emprego de sua tropa na chamada Batalha de Mogadíscio (Somália). Interessante notar que as ideias lançadas em 1998 pelo Tenente Walker, sobre as quais já discorreremos brevemente, podem ter influenciado o General Krulak em alguma medida.

Krulak (1999, p. 16) ressaltava que a disponibilidade generalizada de armas e sistemas sofisticados “nivelará o campo de jogo” e poderia negar a superioridade tradicional das tropas dos EUA. Destacava ainda que as linhas que separam o nível da guerra e que distinguem os combatentes dos não-combatentes iriam se esmaecer e os adversários passariam a recorrer a novos meios para equilibrar as ações.

Segundo Krulak (1999), os militares para serem capazes de lutar e vencer nesse novo tipo de campo de batalha deveriam estar preparados para atuar em todo o espectro dos conflitos, uma vez que ações de diferentes intensidades poderiam estar ocorrendo simultaneamente e em locais muito próximos. O exemplo citado por ele seria uma situação hipotética na qual militares estariam combatendo numa cidade e, em um quarteirão, alguns estariam realizando uma ação humanitária, distribuindo alimentos e medicamentos. Em outro quarteirão estariam escoltando e protegendo um comboio de ajuda humanitária contra a ação de criminosos locais. E em um terceiro quarteirão estariam executando uma operação militar de larga escala contra uma força oponente. Daí o termo por ele cunhado.

Interessante notar que tais pensamentos efetivamente influenciaram o emprego das tropas brasileiras. O Almirante Fuzileiro Naval Vianna Braga (2019, p. 91) cita que o conceito de “*Three Block-War*” foi amplamente empregado pelos nossos capacetes azuis Fuzileiros Navais no Haiti. No mesmo diapasão, o Capitão-de-Fragata Pinto Homem (2015, p. 58) cita que as ideias de Krulak também teriam servido de inspiração para a atuação dos Fuzileiros Navais na Operação de Garantia da Lei e da Ordem “São Francisco”, realizada no Rio de Janeiro, entre os anos de 2014 e 2015. O então Coronel Hertz, num artigo sobre a concepção de emprego da Força Terrestre, também destaca a influência desse conceito no emprego da tropa do Exército Brasileiro na missão de paz no Haiti (Nascimento, 2013, p. 24).

Mas também é interessante notar que, apesar de sua influência na prática de emprego, nem na doutrina militar norte-americana, nem na brasileira, tal conceito chegou a encontrar abrigo de forma explícita, permanecendo em discussões acadêmicas.

2.2 Visão nos EUA

Como pudemos constatar, o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA já vinha trabalhando com alguns conceitos “híbridos” e, também, com o conceito de “*Three Block War*”. Não é de se surpreender que a partir de uma demanda da referida força, o *Center for Emerging Threats and Opportunities* do Instituto Potomac elaborou um estudo para subsidiar o planejamento estratégico dos *Mariners*, e que foi publicado no ano de 2007. Elaborado por Frank Hoffman, ele também um ex-oficial do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, o trabalho recebeu o título de “Conflitos no Século 21: O Surgimento das Guerras Híbridas”⁹ (Hoffman, 2007).

Nas suas análises, Frank Hoffman chegou à conclusão de que a partir do fim da Guerra Fria, o mundo parecia entrar numa fase em que variadas formas de conduzir a guerra (*warfare*) estariam

⁹ No original: *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*.

sendo empregadas, de forma simultânea, por adversários que adotam técnicas flexíveis e sofisticadas, dando origem a conflitos cada vez mais caracterizados por uma mistura “híbrida” de táticas tradicionais e irregulares, planejamento e execução descentralizados, com participação de atores não estatais, usando tecnologias simples e sofisticadas de maneiras inovadoras (ibid, p.5).

Hoffman acrescenta que “as ameaças híbridas incorporariam uma gama completa de diferentes modos de conduzir a guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas, incluindo violência indiscriminada e coerção, e desordem criminal. As guerras híbridas podem ser conduzidas tanto por estados como por uma variedade de intervenientes não estatais”¹⁰ (ibid, p. 8, tradução e grifos nossos).

Os componentes regulares e irregulares da Guerra Híbrida, segundo Hoffman, encontrariam-se mesclados e presentes num mesmo espaço de batalha, e teriam que ser enfrentados por uma mesma força (ibid). É curioso notar que esse aspecto central da tese de Hoffman é exatamente igual ao que propunha o Tenente-General Maganov, quando tratou do tema das “Guerras Locais”, e mesmo do General Krulak, quando discorreu sobre as *Three Block Wars*.

Hoffman ainda destaca que “o surgimento da forma híbrida de conduzir a guerra não representa o fim das formas tradicionais ou convencionais. Mas representa um fator complicador para o planejamento de defesa do século 21”¹¹ (ibid, p. 9, tradução e grifos nossos).

A leitura do artigo de Hoffman nos deixa a impressão de que o autor eventualmente teria misturado os conceitos de *war* e *warfare*, erro de precisão epistemológica para o qual o Manual *Joint Concept for Competing* (The Joint Chiefs of Staff, 2023) nos alerta para ser evitado, conforma já destacamos.

Além de suas ideias relacionadas à Guerra Híbrida, Hoffman também procurou explorar o conceito de “Zona Cinza” (Hoffman, 2018, p. 34-36). Segundo ele, haveria a necessidade de que os EUA adquirissem a capacidade de competir com maior agilidade abaixo do nível de guerra, particularmente contra “ameaças multifuncionais e multidimensionais” (ibid).

Hoffman analisou diversos conceitos que buscavam explicar o fenômeno da zona cinza, mas concluiu afirmando que as definições de zona cinza ainda permaneceriam inconsistentes e não contribuiriam para uma coerência analítica, uma vez que tal espaço constituiria uma parte significativa do espectro das crises e conflitos. E na medida em que cada caso traria consigo diferentes influências e contextos, o conceito de zona cinza não contribuiria para a formulação de planejamentos estratégicos, mascarando situações, mais do que revelando problemas a serem enfrentados (ibid, p. 36).

O fato é que, desde a publicação das ideias de Hoffman, um intenso debate se iniciou no âmbito da comunidade acadêmica dos EUA sobre o tema. E as críticas não foram pequenas e nem desprovidas de argumentos. Uma das mais estruturadas foi apresentada por Ofer Fridman, no seu livro *Hybrid Conflicts and Information Warfare: New Labels, Old Politics*, publicado em 2019. Na sua análise, Fridman identificou três aspectos principais que refutavam as ideias de Hoffman: a ausência de novidade no fenômeno descrito, a natureza ambígua do conceito e seu caráter meramente operacional (Fridman, 2019, p. 70).

¹⁰No original, com grifos nossos: *Hybrid threats incorporate a full range of different modes of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate violence and coercion, and criminal disorder. Hybrid Wars can be conducted by both states and a variety of non-state actors.*

¹¹No original, com grifos nossos: *The rise of Hybrid Warfare does not represent the end of traditional or conventional warfare. But it does present a complicating factor for defense planning in the 21st Century.*

Quanto à ausência de novidade no conceito apresentado por Hoffman, Peter Mansoor participou da elaboração de um detalhado estudo denominado “*Hybrid Warfare: Fighting Opponents from the Ancient World to the Present*”, no qual foram apresentados nove estudos de caso representativos da guerra híbrida, segundo o conceito apresentado por Hoffman, abrangendo desde os tempos antigos até o presente, a saber: os combates travados pelas Legiões Romanas na Germânia (século I), a Guerra dos Nove Anos na Irlanda (século XVII), a Guerra de Independência dos EUA, as Guerras Napoleônicas, a Guerra Civil nos EUA, a Guerra Franco-Prussiana, a Guerra dos Bôeres, a Guerra Sino-Japonesa e a Guerra do Vietnã. Mansoor concluiu que o exame cuidadoso dos fatos históricos analisados na pesquisa teria revelado que as ideias de Hoffman pouco acrescentaram à ciência militar como conceito de guerra (Mansoor, 2012, p. 3).

Com relação à crítica sobre a natureza ambígua das ideias defendidas por Hoffman, Hew Strachan (apud Fridman, 2019, p. 71) teria afirmado que o conceito de Guerra Híbrida não deixa claro se tais conflitos armados ocupam algum ponto médio no espectro entre regular e irregular, ou se eles seriam caracterizados pela atividade simultânea em ambas as extremidades desses espectros. Uma das ideias centrais da teoria de Hoffman é baseada na premissa de que se trata de uma forma de conduzir a guerra que permite ao seu executor atingir objetivos políticos sem a necessidade de desencadear uma guerra convencional em larga escala. Entretanto, historicamente esse tipo de estratégia estaria relacionada aos “Conflitos de Baixa Intensidade”, conceito já previsto na doutrina dos EUA¹².

Najžer (2020, p. 29) também critica o mesmo ponto, ao afirmar que Hoffman aponta uma lista de possíveis componentes de uma Guerra Híbrida, entretanto, sem apresentar uma clara definição, o que para ele constitui condição essencial para permitir o examinar o fenômeno em maiores detalhes e explorar suas nuances.

O terceiro ponto da crítica de Fridman estaria relacionado ao fato de que a teoria da Guerra Híbrida não considera o papel central da estratégia na escolha das opções disponíveis. Neste mesmo sentido, Bettina Renz (ibid) havia argumentado que os conceitos de guerra híbrida de Hoffman não apresentam fundamentos para a formulação de uma estratégia, mas meramente geram opções no âmbito da elaboração de um plano de campanha, ou seja, trariam contribuições somente ao nível operacional.

Outra crítica bastante contundente partiu de Cox, Brusino e Ryan (2012, p. 25-26), que apontaram um problema prático na linha de pensamento de Hoffman. Segundo eles, a teoria da guerra híbrida estabelece uma premissa, na qual o inimigo que a desenvolve praticamente dependeria de um nível de desempenho que lhes garantisse “poderes quase místicos” para seu sucesso. Hoffman, ao argumentar que forças inimigas num campo de batalha poderiam atuar de maneira quase simultânea entre os espectros convencional e irregular da guerra e, ainda, realizar atividades criminais ou terroristas, acabou por tornar o conceito pouco exequível.

Mais recentemente, Käihkö (2021, p. 47) publicou um artigo no prestigioso *US Army College Quarterly*, no qual destaca que o conceito de guerra híbrida vem se mantendo presente em debates acadêmicos, políticos e públicos, mas o faz sob o disfarce de um neologismo mal definido. Segundo ele, a guerra híbrida seria um chavão que pode significar quase tudo. Conclui afirmando que esse tipo de imprecisão conceitual pode explicar em parte a popularidade desse conceito em círculos políticos, mas tal ambiguidade dificulta uma melhor compreensão da guerra contemporânea e, finalmente, atrapalha a formulação de uma melhor política para a área de segurança e defesa. Ele

¹² US Army, Military Operations in Low Intensity Conflict, FM 100-20/1990.

conclui afirmando que essa ambiguidade parece infeliz e acima de tudo desnecessária.

Stoker e Whiteside (2020) consideram que os conceitos de “zona cinza” e “*Hybrid War*” estariam bastante interrelacionados, e apresentam uma visão bastante crítica de ambos, pois segundo eles, seriam exemplos de teorias construídas sem rigor científico e que mais geram dúvidas do que esclarecimentos. Na visão dos autores, tais conceitos distorcem ou ignoram a história, na maioria das vezes identificando como fenômenos novos determinadas problemáticas que não revelam novidades para as ciências militares. Mas talvez as críticas mais contundentes de Stoker e Whiteside sejam no sentido de que tais conceitos alimentariam uma tendência perigosa de confundir guerra e paz, o que tem o potencial de corroer o pensamento estratégico dos EUA através da construção de documentos políticos e estratégicos com base em ideias falhas, resultando em orientações estratégicas abrangentes baseadas em aspectos táticos, o que caracterizaria uma perigosa inversão do método de planejamento estratégico (ibid, p. 14).

O impacto dessas críticas no âmbito dos formuladores de políticas e estratégias de segurança e defesa nos EUA parece ter sido relevante e pode ser observado na evolução da Estratégia Militar Nacional dos EUA e outros documentos relevantes. Por exemplo, a versão de 2015 do referido documento trazia o conceito de Conflitos Híbridos, basicamente transcrevendo as palavras de Hoffman (The Joint Chiefs of Staff, 2015, p. 4).

Entretanto, a versão do mesmo documento datado de 2018 apresenta uma lista de tendências relevantes para a segurança (The Joint Chiefs of Staff, 2018, p. 2): o ressurgimento da competição entre as grandes potências; uma ordem pós-Segunda Guerra Mundial resiliente, mas enfraquecida; a tecnologia impactando o caráter da guerra; o empoderamento de atores não estatais; os EUA não poderão mais ser considerados um santuário; a ameaça de armas de destruição em massa; a importância de novos aliados e parceiros; a batalha de narrativas; e a escala e urgência das mudanças. Em nenhum momento o termo “híbrido” é tratado.

Da mesma forma, as edições mais recentes da Estratégia de Segurança Nacional (The White House, 2022) e da Estratégia de Defesa Nacional (Department of Defense, 2022) não trazem qualquer referência à guerra híbrida, estratégia híbrida ou ameaça híbrida.

No mesmo sentido, o documento conceitual mais recente elaborado pela Junta de Chefes de Estado-Maior do EUA, e que já foi abordado no presente trabalho, o *Joint Concept for Competing* (JCC), também não apresenta tais conceitos. O mais próximo que o JCC trata do tema seria uma observação sobre a necessidade de manter capacidades que permitam que as Forças Conjuntas possam se contrapor às ameaças abaixo do nível de conflito armado tradicional (The Joint Chiefs of Staff, 2023, p. 31).

Da análise dos documentos doutrinários oficiais mais recentes dos EUA, a tipologia híbrida não é considerada como integrante da classificação da guerra.

2.3 Visão na Rússia

Na doutrina russa, a guerra constitui uma forma extrema de resolução de conflitos, caracterizada por uma mudança brusca nas relações entre Estados, Nações ou outros atores políticos, por meio do uso de meios de conflito armado e outros tipos de violência, para alcançar objetivos que podem ser sócio-políticos, econômicos, ideológicos, territoriais, nacionais, étnicos, religiosos e outros (Ministry Of Defence, 2023).

Segundo Vitaly Kabernik (In: Fridman, 2019, p. 43-44), o pensamento militar russo não

apenas define a guerra como um fenômeno sócio-político, mas, indo além, discrimina a diferença entre *war* e *warfare*, e essa discriminação é importante para uma melhor compreensão dos conceitos russos. A Guerra (*war*) seria um estado da sociedade, enquanto a forma de conduzir a guerra (*warfare*) é entendida pelos estudiosos militares russos como atividades associadas ao conflito armado, uma implementação prática de princípios para o combate.

A doutrina russa classifica a execução das guerras das seguintes formas (Ministry of Defence, 2023):

- quanto à composição dos participantes: bilateral ou de coalizão;
- quanto à escala: larga escala, regional e local;
- quanto à intensidade da luta armada: baixa, média e alta intensidade;
- quanto à abrangência: internacional ou intraestatal;
- quanto aos objetivos dos contendores: ofensivos, defensivos, de libertação etc.;
- quanto aos meios utilizados: com o uso de armas de destruição em massa ou convencional.

Chama a atenção, na classificação quanto à escala, a presença do conceito de Guerra Local, que se encontra em linha com o conceito apresentado em 1996 pelo Tenente-General Maganov. Na doutrina russa atual, uma guerra local é aquela realizada entre dois ou mais Estados, com ou sem a participação de atores não-estatais, limitada por objetivos políticos, em que as ações militares serão conduzidas, geralmente, dentro das fronteiras dos estados opostos e afetam principalmente os interesses apenas desses Estados (territoriais, econômicos, políticos e outros).

Uma guerra local pode ser travada por grupos de tropas implantados na área de conflito, com seu possível reforço devido à transferência de meios adicionais de outras esferas governamentais e ao desdobramento estratégico parcial das Forças Armadas. Sob certas condições, as guerras locais podem se transformar em uma guerra regional ou em grande escala (ibid).

A Enciclopédia online do Ministério da Defesa da Federação da Rússia acrescenta, ainda, que a tendência atual das guerras locais é no sentido de adotar o emprego de diferentes formas e métodos de condução da guerra, seja no nível tático, operacional ou estratégico. Conclui afirmando que a possibilidade de emprego premeditado ou acidental de armas nucleares não pode ser excluída no caso de uma Guerra Local¹³.

Se observa que a definição de guerra local adotada pelos russos enquadra perfeitamente o conflito militar em curso na Ucrânia.

Vitaly Kabernik (In: Fridman, 2019, p. 47-53), realiza uma análise sobre três experiências vivenciadas na história militar russa: os movimentos partisans na Grande Guerra Patriótica (2ª Guerra Mundial), a Guerra do Afeganistão e o Conflito na Chechênia. Ele conclui no sentido de que tais conflitos armados poderiam ser classificados como “híbridos” pela ótica da teoria de Hoffman, mas julga que, de fato, nenhum deles seria uma Guerra Híbrida.

É importante destacar algumas ideias constantes no documento de mais alto nível da Federação da Rússia no campo da Segurança, que é a Estratégia de Segurança Nacional (Kremlin, 2021). Em que pese o documento não fazer referência ao termo “híbrido”, ele apresenta algumas considerações importantes no nível político. Ele aborda alguns tipos de ameaças que temos classificado ao longo deste trabalho como híbridas, tais como uso de tecnologias informacionais interferindo

¹³ <https://encyclopedia.mil.ru/encyclopedia/dictionary/details.htm?id=6483>

em assuntos internos e violando a soberania russa, os ataques cibernéticos visando infraestruturas críticas, atentados terroristas, incentivo estrangeiro para ocorrência de distúrbios civis, ações do crime organizado com fins políticos, dentre outras. O documento prioriza a adoção de medidas para se contrapor a estas ameaças que já se configuram contra a Federação da Rússia.

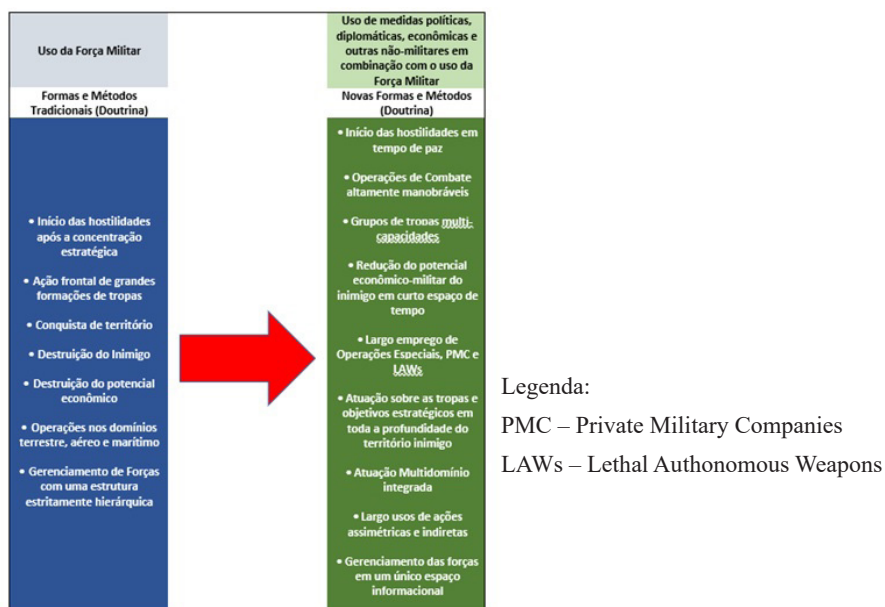
Surge neste ponto um questionamento: existiria uma Doutrina Gerasimov?

Desde 2013, com a publicação do texto de uma palestra ministrada pelo Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas Russas para a Academia Russa de Ciências Militares, a imprensa e alguns analistas ocidentais logo se adiantaram em afirmar que o General de Exército Valery Gerasimov havia apresentado um modelo russo para a Guerra Híbrida. O título da palestra de Gerasimov havia sido “O valor da Ciência está na previsão: novos desafios exigem repensar as formas e métodos de execução das operações de combate”¹⁴ (GERASIMOV, 2013).

Kabernik (In: FRIDMAN, 2019, p. 59), Najžer (2020, p. 143) e Käihkö (2021, p. 117) são unânimes em afirmar que a eventual interpretação de que existiria uma Doutrina Híbrida formulada por Gerasimov constitui uma ideia incorreta. Na verdade, em nenhum momento Gerasimov emprega a palavra “híbrida” na sua apresentação. O foco do Chefe do Estado-Maior Geral da Rússia foi no sentido de apresentar uma análise sobre as Revoluções Coloridas (revoltas populares verificadas no norte da África, oriente médio e vários países da ex-União Soviética) e que, segundo ele, teriam sido claramente organizadas pelos EUA e seus aliados ocidentais com o objetivo de substituir governos locais existentes por facções “progressistas”, que iriam implementar um modelo democrático no padrão ocidental e provocar uma guinada de tais países em direção a um alinhamento aos interesses norte-americanos.

Gerasimov apresentou dois quadros para apoiar seus argumentos. Um deles apresentava o título de “Alterando a Natureza dos Conflitos Armados”, onde resumia sua visão de como os Estados Unidos e seus aliados ocidentais estavam transformando o emprego da força militar (Figura 2).

Figura 2 – Alterando a Natureza dos Conflitos Armados

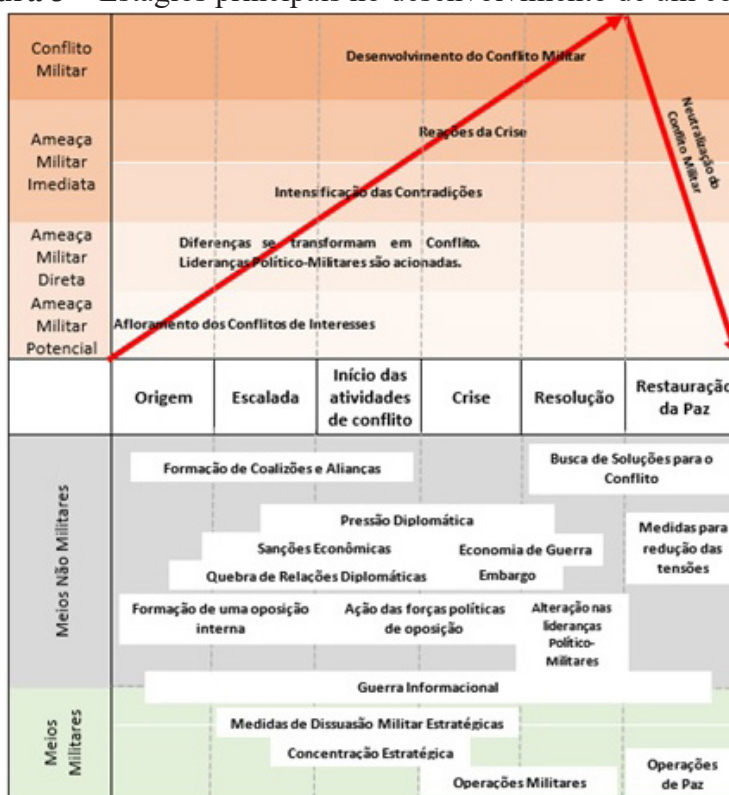


Fonte: (Gerasimov, 2013, traduzido e adaptado pelo autor)

¹⁴ No original: Cennost Nauki v Predvidenii: Novii vjzovii trebuüt pereosmiisliť Formii i Sposobii Vedenia Boevii Deystvii.

O outro, com o título de “Principais Estágios no Desenvolvimento de um Conflito”, Gerasimov apresentava a progressiva aplicação de meios militares e não militares em cada fase de um conflito (Figura 3).

Figura 3 – Estágios principais no desenvolvimento de um conflito



Fonte: (Gerasimov, 2013, traduzido e adaptado pelo autor)

O General russo destacou o fato de que o conhecimento de formas e métodos assimétricos para as operações militares era superficial no âmbito das Forças Armadas da Federação da Rússia, e conclamava os professores e alunos da Academia de Ciências Militares a se debruçarem sobre o tema.

Com uma visão bastante particular, e pouco apoiada em documentos oficiais recentes, Clark (2020) elaborou um estudo para o *Institute for the Study of War*, no qual procurou identificar um padrão russo para as “Guerras Híbridas”. Clark afirma que diversos estudos de autores ocidentais apontam que “o Kremlin empregará ‘meios híbridos’ em qualquer guerra convencional, mas não explora o inverso – que o Kremlin executa operações militares convencionais naquilo que os EUA definem como ‘espaço de competição’” (ibid, p. 12, tradução nossa)¹⁵.

Ainda segundo Clark, tais avaliações seriam equivocadas, pois ao focar nas ameaças separadamente, deixam de compreender o todo das estratégias russas. Baseado nessa avaliação, ele conclui afirmando que a Rússia na verdade executa *Hybrid Wars*, e não *Hybrid Warfare*, tendo baseado sua afirmação na existência de uma elevada concentração de artigos científicos de autores russos tratando de lições aprendidas e teorização da guerra híbrida (*Hybrid War*) nas publicações profissionais militares russas, nomeadamente as revistas *Pensamento Militar (Voennaia mysl’)* e *Coleção do Exército*

¹⁵No original: *The Kremlin will use “hybrid means” in any conventional war, but do not fully explore the inverse—that the Kremlin conducts conventional military operations in what the US considers the “competition space.”*

(*Armeiskii Sbonik*) (ibid, p. 13). Entretanto, numa pesquisa realizada por este autor no site da Revista Pensamento Militar¹⁶, dos sessenta e quatro artigos publicados entre janeiro de 2021 e janeiro de 2023, apenas um deles tratou do tema da guerra híbrida, que foi um de autoria do Coronel Bartosh (Veterano do Exército Russo).

Sobre o referido artigo, que recebeu o título de “Leis e Princípios da Guerra Híbrida”¹⁷, Bartosh faz uma análise sobre os mecanismos adotados pelos EUA e a OTAN, que segundo ele permitiriam aos aliados ocidentais priorizar o uso de métodos não violentos para impor sua vontade sobre rivais obstinados, de forma a alcançar a vitória por medidas diplomáticas, políticas, financeiras, econômicas e militares, estas últimas sendo empregadas como último argumento, em caso de grande resistência do oponente (Bartosh, 2022).

Da análise realizada sobre documentos oficiais russos, assim como do posicionamento de especialistas que se dedicaram a estudar a doutrina daquele país, verifica-se que a Federação da Rússia, ao menos oficialmente, não considera a tipologia híbrida da guerra.

2.4 Visão na OTAN

O sítio eletrônico da OTAN (North Atlantic Treaty Organization, 2023) conceitua apenas as “Ameaças Híbridas”, que segundo a organização combinariam meios militares e não militares, de forma encoberta ou explícita, incluindo desinformação, ataques cibernéticos, pressão econômica, implantação de grupos armados irregulares e uso de forças regulares. Apresenta também o conceito de “Métodos Híbridos”, que seriam aqueles usados para fazer confundir os limites entre guerra e paz, de forma a semear dúvidas nas mentes das populações-alvo. A OTAN destaca o fato de que a velocidade, escala e intensidade das ameaças híbridas vem aumentando nos últimos anos, cabendo à organização estar preparada para prevenir, combater e responder a ataques híbridos, seja por atores estatais ou não estatais.

No mesmo sentido, o recentemente publicado “Conceito Estratégico OTAN 2022”¹⁸, documento de mais alto nível da Aliança Norte-Atlântica, aprovado numa reunião entre Chefes de Estado e Governo dos países integrantes, destaca que o espaço Euro-Atlântico não está em paz e que a Federação da Rússia violou as normas e princípios que contribuem para uma ordem de segurança estável e previsível empregando, inclusive, táticas híbridas, de forma direta ou mediante proxies (elementos ou atores que agem por procuração). Destaca que a China também vem se utilizando de tais táticas para projetar poder no âmbito do sistema internacional (North Atlantic Treaty Organization, 2022, p. 3 - 5).

O documento nos traz o conceito de táticas híbridas, que envolveriam a realização de atividades maliciosas no ciberespaço e no espaço, a promoção de campanhas de desinformação, a instrumentalização da migração como ferramenta de pressão, a manipulação do suprimento de energia como forma de coerção econômica. Tais táticas envolveriam, ainda, um esforço deliberado para minar as normas e instituições multilaterais e promover modelos autoritários de governança (ibid).

Aparentemente, segundo as definições apresentadas pela OTAN, os conceitos de “Métodos Híbridos” e “Táticas Híbridas” seriam sinônimos.

¹⁶<https://vm.ric.mil.ru/>

¹⁷ No original: *Zakony I Principy Gibridnoj Vojny*.

¹⁸ No original: NATO 2022 Strategic Concept.

Da leitura do Conceito Estratégico da OTAN, se verifica que o emprego de táticas híbridas é considerado não apenas uma possibilidade, mas um desafio já presente para a Aliança e seus integrantes. O uso da expressão “tática híbrida” nos dá a entender que se estaria tratando do emprego de meios não militares no contexto de Estratégias Nacionais ou Estratégias Militares, objetivando o atingimento de objetivos políticos específicos.

Do que pode ser identificado em documentos oficiais da OTAN, a organização não considera a tipologia híbrida da guerra, mas considera que as ameaças híbridas integram um conjunto de ações que podem ser empregados por atores estatais e não estatais no contexto de uma estratégia para atingir objetivos políticos. Uma tipologia híbrida da guerra não é considerada nos documentos oficiais da OTAN.

2.5 Visão no Brasil

Além dos documentos que já tivemos a oportunidade de analisar referencial teórico, onde não foi encontrada a classificação da tipologia híbrida da guerra, verificamos que o Ministério da Defesa do Brasil, por meio Doutrina de Operações Conjuntas (Ministério da Defesa, 2020) e do Glossário das Forças Armadas (Ministério da Defesa, 2016), não apresenta qualquer referência ao termo ‘híbrido’, seja como ameaça, tática, método, estratégia ou mesmo tipologia da guerra.

Entretanto, convém observar que o Glossário das Forças Armadas apresenta o vocábulo “Guerra Irregular”, ali definido como um conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais convencionais, contra um governo estabelecido (movimento revolucionário) ou um poder de ocupação (movimento de resistência). A Guerra Irregular englobaria a guerra de guerrilhas, a subversão, a sabotagem e o apoio à fuga e evasão. Na medida em que o Glossário indica que tal classificação pode envolver forças regulares e não regulares fora dos padrões convencionais, é possível concluir que, numa guerra irregular, o emprego de táticas ou métodos híbridos não extrapolaria os limites do conceito. Isso confirma a tese de que o emprego de ameaças híbridas constitui um *modus operandi*, o que não implicaria no desenvolvimento de uma nova tipologia da guerra.

Entretanto, o recém-publicado manual de fundamentos “Conceito Operacional do Exército Brasileiro: Operações de Convergência 2040” (Exército Brasileiro, 2023), introduz o tema das “Ameaças Híbridas” e da “Zona Cinza”. Por ameaças híbridas, o manual as define como “manipulação de fragilidades institucionais, decorrentes da degradação do ambiente-político-institucional, como oportunidade para o desencadeamento de ações de desestabilização política de estados enfraquecidos” (ibid, 3-8). Quanto ao conceito de “zona cinza”, o manual a define como o “obscurcimento dos limites entre guerra e paz ... que torna evidente o caráter perene dos desafios à defesa” (ibid, 5-3).

O manual destaca que as ameaças híbridas, no que diz respeito à “zona cinza” dos conflitos, configuram-se como desafios perenes à segurança e defesa, na medida em que congregam atores que possuem potencial para atuarem em todos os campos do poder, com o principal objetivo de desestabilizar o governo inimigo e suas instituições. Destaca, ainda, que atores estatais e não estatais podem vir a comprometer os interesses do Estado, apropriando-se de ferramentas tecnológicas para a propagação da desinformação, integrada ou não a capacidades cinéticas militares (ibid).

O manual destaca alguns aspectos típicos que tendem a estar presentes na maioria das atividades de “zona cinza” que poderiam envolver:

- ações abaixo do limite que justificaria uma resposta militar;

- ameaças que se desdobram gradualmente no tempo;
- baixa capacidade de identificar o autor (baixo perfil), o agressor disfarça sua ação utilizando ataques cibernéticos, campanhas de desinformação, guerra por procuração etc.;
- intimidação mediante a possibilidade de escalada do conflito;
- emprego de meios e técnicas não militares;
- vulnerabilidades específicas em outras áreas são exploradas concomitantemente (clivagens sociais, polarizações políticas, economia) são aproveitadas para lograr ganhos estratégicos; e
- uso da violência de forma episódica e limitada.

A lista acima indica claramente um conjunto de formas e métodos passíveis de serem empregados por atores estatais ou não estatais. Em que pese não haver referências a métodos ou táticas híbridas, fica evidente que o manual a elas se refere ao tratar das atividades na zona cinza. Ao mesmo tempo, a indicação de que as ações se realizariam abaixo do limite que justificaria uma resposta militar, em princípio, exclui o enquadramento de tais formas e métodos numa nova tipologia de guerra.

Por outro lado, numa perspectiva diversa, se passarmos a analisar a história militar do Brasil, não demoraríamos a encontrar um conflito armado que poderia ser enquadrado no conceito apresentado por Hoffman. Como exemplo mais claro estariam as Guerra Holandesas no Nordeste (1624-1654). Desde a não existência de declaração formal de guerra, uma vez que integrávamos então a União Ibérica, ao emprego de táticas não convencionais, muitas delas tais como emboscadas e atos que poderiam ser facilmente enquadrados nos dias de hoje como terrorismo ou uso de *proxies* (elementos que agem por procuração), as táticas empregadas no referido conflito vêm de muito tempo sendo conhecidas como “uma solução brasileira estratégica, inteligente e criativa para o problema militar e uma manifestação de Doutrina Militar Terrestre genuinamente brasileira” (Academia..., 2023).

Mas de todo modo, Leal (2016, p. 15) alerta para a necessidade de que sejam realizados estudos consistentes a respeito do tema das ameaças híbridas no âmbito do Exército Brasileiro, a fim de que se possa avaliar eventuais medidas a serem adotadas no sentido da obtenção de capacidades necessárias para a defesa da Pátria em face de tais ameaças.

3 ANÁLISE DA HIPÓTESE SOB OS ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS

Realizada uma revisão bibliográfica bastante abrangente, passaremos a analisar a hipótese formulada, qual seja que o surgimento das ameaças híbridas daria origem a uma nova tipologia da guerra. Para tanto, realizaremos a análise segundo seis critérios epistemológicos para avaliação de uma hipótese, sugeridas por Quine (apud Oliveira, 2016, p.8): conservação (adequação ao referencial teórico); simplicidade (adoção de um mínimo de premissas); generalidade (possuir amplitude de aplicabilidade); modéstia (não extrapolar seu propósito); precisão (não ser vaga ou ambígua); e refutabilidade (apresentação de contraevidências).

3.1 Quanto ao critério da conservação

Uma hipótese satisfaz o critério de conservação quando ela demanda pouca rejeição, em se considerando o referencial teórico de base. Como exemplo, a hipótese “a guerra pode implicar a mobilização de todas as expressões do Poder Nacional de um Estado, com predominância da expressão

militar” apresenta um bom critério de conservação, à luz do referencial teórico existente.

Da análise realizada foi possível concluir que os conceitos de “ameaças híbridas”, “métodos híbridos”, “táticas híbridas” e “estratégias híbridas” encontram abrigo no referencial teórico e outras fontes reunidas no presente trabalho. Entretanto, fica patente a não aderência do conceito de “Guerra Híbrida” em face aos mesmos referenciais.

Neste sentido, a análise realizada permite atingir duas conclusões. A primeira é que o emprego de ameaças híbridas constitui um método para conduzir a guerra, ou seja, o termo “*Hybrid Warfare*” se mostra apropriado para tratar do tema. A segunda conclusão nos revela que o termo “Guerra Híbrida” (*Hybrid War*) deve ser evitado, sob o ponto de vista do critério epistemológico da conservação.

3.2 Quanto ao critério da simplicidade

Uma hipótese é simples se pressupõe o mínimo de premissas para explicar algum fenômeno. Para facilitar o entendimento, podemos utilizar os seguintes exemplos: A doutrina para as Forças Armadas dos EUA reconhece apenas duas formas básicas de conduzir a guerra: a tradicional e a irregular, acrescentando que uma combinação criativa, dinâmica e sinérgica destas duas formas é normalmente a forma mais efetiva de conduzir a guerra. Por outro lado, a doutrina do Exército Brasileiro considera que a guerra obedece a diferentes enfoques e propósitos, reconhecendo cinco diferentes formas de conduzir a guerra (quanto ao tipo de forças, quanto à amplitude geográfica, quanto ao grau de engajamento do poder nacional, quanto ao poder relativo dos contendores e quanto à nacionalidade dos contendores). A hipótese adotada pelos EUA é a que melhor atende ao critério da simplicidade.

Quanto ao critério da simplicidade, iremos nos apoiar nas observações de Fridman quanto aos aspectos por ele levantados para refutar as ideias de Hoffman e, no caso em questão, na natureza ambígua do conceito formulado por este último (Fridman, 2019, p. 70), uma vez que tal aspecto nos obriga a lançar mão de inúmeras premissas para explicar o fenômeno da Guerra Híbrida.

3.3 Quanto ao critério da generalidade

O critério da generalidade se aplica a uma hipótese quando se observa o número de aplicações abrangidas por ela. Por exemplo, a observação de que “os conflitos armados possuem elevado grau de violência” é mais geral do que “as guerras possuem elevado grau de violência”, uma vez que a guerra constitui um tipo de conflito armado.

O critério da generalidade, à primeira vista, parece ser atendido pela teoria de Hoffman e daqueles que com ele concordam. Entretanto, a falta de uma clara definição e, como visto, a adoção de uma quantidade excessiva de premissas, torna o conceito extremamente generalista, o que lhe torna pobre em cientificidade. Ao fim e ao cabo, como observou Kähkö (2021, p. 47), obtém-se apenas um chavão, que pode explicar tudo, ou quase tudo, no campo dos conflitos armados.

3.4 Quanto ao critério da modéstia

O critério da modéstia tem a ver com a hipótese implicar outras, sem implicar ela mesma. Ou seja, ele é mais bem atendido quando a hipótese não extrapola seu propósito ou evita se basear em premissas pouco exequíveis na prática. Como exemplo, ao se estabelecer que um dos objetivos políticos de guerra seria a rendição incondicional de um inimigo, uma ampliação territorial, a manutenção do

status quo ou simplesmente restabelecer a paz, estamos atendendo melhor ao critério da modéstia do que quando estabelecemos que tal objetivo poderia envolver a implantação de um dogma religioso ou de um novo regime político-econômico, uma vez que estes últimos irão depender de muitos outros fatores culturais, políticos, econômicos e psicossociais para seu sucesso, sobre os quais a guerra terá pouco poder para influenciar.

Quanto ao critério da modéstia, a crítica elaborada por Cox, Brusino e Ryan (2012, p. 25-26), apontou um problema prático na linha de pensamento de Hoffman, relacionado a uma possível extrapolação da capacidade de eventuais grupos de forças (não nos referimos aqui apenas em unidades individuais), inimigos ou amigos, serem capazes de atuar, simultaneamente e de forma bem coordenada entre os espectros convencional e irregular da guerra e, ainda, realizar atividades criminais ou terroristas, tornando o conceito pouco exequível.

3.5 Quanto ao critério da precisão

Uma hipótese é precisa quando não se revela vaga ou ambígua. Por falta de um vocábulo específico na língua portuguesa, as palavras da língua inglesa “*War*” e “*Warfare*” são ambas traduzidas pela mesma palavra “Guerra”, o que gera ambiguidade e, eventualmente, reduz a precisão de uma hipótese que as envolva. E essa foi justamente a conclusão inicial deste autor. Entretanto, ao ler o recém-publicado *Manual Joint Concept for Competing* (JCC), verificou-se que a dúvida não se restringiria aos falantes da língua portuguesa, e que nos EUA tal dúvida somente havia sido solucionada em 2018, com a publicação do novo conceito conjunto para as campanha integradas (The Joint Chiefs of Staff, 2023, p. 5).

Também como pudemos constatar, a análise da própria teoria de Hoffman nos revela que o referido autor se perde entre os conceitos de *War* e *Warfare*, tornado sua teoria irremediavelmente imprecisa.

3.6 Quanto ao critério da refutabilidade

Também conhecido como critério da falseabilidade. A aplicação desse critério visa procurar erros na hipótese, particularmente quando ela é submetida a um evento imaginário, possível de ocorrer, e onde a hipótese não se aplicaria. Segundo Oliveira (2016, p.8), há de ser ter cuidado com as hipóteses que não permitem ser submetidas a um falseador potencial, característica que não a qualificaria como uma teoria que possa contribuir com a ciência. Como exemplo clássico, podemos lembrar da seguinte hipótese: “na semana que vem os objetivos políticos da guerra podem ou não ser atingidos”.

Para submeter a hipótese ao critério da refutabilidade, não a confrontaremos com um evento imaginário, mas com a própria Guerra da Ucrânia, ainda em andamento, e que é por muitos apontada como uma guerra híbrida, conforme abordamos na introdução deste trabalho¹⁹.

Kong e Marler (2022), num recente artigo para o site da influente *Hand Corporation*, afirmam que “a agressão russa na Ucrânia implica numa Guerra Híbrida (*Hybrid War*)”, acrescentando que a Guerra Híbrida representa “uma interação ou fusão de instrumentos convencionais e não convencionais de poder e ferramentas de subversão... misturados de maneira sincronizada para explorar

¹⁹ Na verdade, foi justamente a Guerra da Ucrânia o fator motivador para a problematização que deu origem ao questionamento da hipótese aqui tratada

vulnerabilidades de um antagonista e alcançar efeitos sinérgicos” (tradução nossa)²⁰.

Tal afirmação confirmaria a inexistência de erro ou falseabilidade na hipótese para este caso.

Entretanto, em linha com o que concluíram Stoker e Whiteside (2020, p. 24), o que a Rússia vem executando na Ucrânia desde 2014 são ações prioritariamente relacionadas ao combate convencional, que dificilmente podem enquadradas, de forma substantiva ou mesmo balanceada, no bojo de um método baseado no emprego de meios não convencionais, com o propósito de atingir objetivos políticos, e que nos permitisse retirar a guerra da tipologia convencional e passar a enquadrá-la numa suposta tipologia híbrida.

Na verdade, um dos pressupostos básicos da Guerra Híbrida, segundo Hoffman, seria justamente a ideia de que a mistura de métodos convencionais e irregulares seja mantida de forma que não se atinja o nível de conflito armado convencional em larga escala. E a realidade nos mostra que isso está muito longe do que se vê na prática verificada na Ucrânia.

Mas a hipótese poderia ser aplicada em outros conflitos armados? De tudo o que vimos, fica claro que em todas as situações em que o nível de violência seja extremo (aspecto que constitui a característica mais clara de uma guerra), ali não caberia considerar que o emprego de táticas ou métodos híbridos teriam o condão de classificar tal conflito armado como uma “Guerra Híbrida”, pois ele manteria a sua tipologia convencional ou irregular (não convencional), dependendo da predominância dos meios adotados.

Me parece bastante inadequado, por exemplo, classificar a Guerra da Ucrânia como uma “Guerra Híbrida”, particularmente ao se considerar que a tônica desse conflito armado tem sido o combate nas trincheiras, o combate em ambiente urbano, o largo emprego de carros de combate, a pesadíssima preparação de fogos de artilharia, o emprego de mísseis balísticos e o uso de sistemas de aeronaves remotamente pilotadas.

Neste sentido, parece ter ficado patente que a hipótese não sobreviveu ao exame de sua refutabilidade.

4 CONCLUSÃO

Como já havíamos apontado nos primeiros parágrafos da introdução deste trabalho, a forma como o fenômeno da guerra é realizado sempre foi influenciada pela própria evolução da sociedade, pelos valores e ideias que se desenvolvem, pela forma como a sociedade se organiza, pelas transformações e disputas hegemônicas da geopolítica, pelo impacto do desdobramento de infraestruturas de transporte, pelo fenômeno da urbanização, pelo desenvolvimento científico e tecnológico, e por tantos outros fatores quanto nossa imaginação permita levantar.

Mas os escritos de Clausewitz nos devem fazer refletir sobre dois aspectos básicos da guerra. O primeiro deles seria a sua imutabilidade, enquanto fenômeno político e social, sempre focada no emprego prioritário da violência para atingir objetivos políticos. E o segundo aspecto, relacionado ao fato de que os avanços tecnológicos e outros fatores da conjuntura influenciam a arte operacional, normalmente a partir do seu nível tático, e que se as manifestações táticas numa determinada situação são diferentes de outras, então, as manifestações estratégicas também devem ser distintas.

²⁰No original: *an interplay or fusion of conventional as well as unconventional instruments of power and tools of subversion...blended in a synchronized manner to exploit vulnerabilities of an antagonist and achieve synergistic effects.*

Se em algum momento, baseado no intensivo emprego munições vagantes ou sistemas de aeronaves remotamente pilotados, surgisse uma teoria na qual o combate nas trincheiras vivenciado na região do Donbass ucraniano poderia ser enquadrado numa nova tipologia da Guerra, ou que, por esses ou outros aspectos táticos, os intensos combates urbanos na cidade de Bakhmut poderiam também dar origem a outra tipologia da guerra, creio que um exame mais atento e apurado eventualmente nos revelaria que tais teorias não possuiriam bases doutrinárias apropriadas.

Certamente em ambos os casos estaríamos falando em novas formas de *Warfare*, ou no “como conduzir a guerra”. Novos métodos impõem o desenvolvimento de novas estratégias.

A presente pesquisa nos levou a algumas constatações aparentemente óbvias, mas que mesmo nos níveis mais elevados da ciência militar brasileira estavam passando despercebidas em boa medida. A começar pelo fato de que as ciências militares nacionais nunca conseguiram cunhar uma palavra para traduzir o vocábulo “*warfare*”, sempre optando por utilizar o termo “guerra”. Dificuldade essa que, admito, me perseguiu cerradamente a cada etapa que fui desenvolvendo o presente trabalho.

A nossa dependência de fontes originárias nos EUA, ou mesmo de autores de outros países que redijam seus trabalhos na língua inglesa, somente agrava o problema. Mas também acabei por constatar que autores de renome na ciência militar norte-americana chegaram mesmo a elaborar teorias nas quais essa diferença básica deixou de ser considerada de forma apropriada.

Poderíamos simplesmente falar de método? Ou de estratégia? Optei por evitar maiores complicações, usando de maneira aleatória as expressões: “o como conduzir a guerra”, “a forma de conduzir a guerra” ou “o método de conduzir a guerra”.

Essa falta de precisão epistemológica, a meu ver, tem custado caro às nossas ciências militares. Talvez um trabalho futuro, onde se debruce sobre esse tema, possa contribuir diretamente para a solução desse problema, que não objeto desse trabalho.

Um outro aspecto que nos pareceu constituir uma nova problematização seria o tema da “Zona Cinza”. Por ocasião da revisão bibliográfica realizada foram identificadas críticas recentes e importantes para o referido conceito, e o aprofundamento do tema numa pesquisa científica mais específica certamente em muito contribuiria para o desenvolvimento das ciências militares e para a doutrina do Exército Brasileiro. E resalto esse aspecto doutrinário, uma vez que tal conceito chegou a ser incorporado no novo manual de Fundamentos Conceito Operacional do Exército Brasileiro – Operações de Convergência 2040. Uma vez que foi constatado que os documentos oficiais mais recentes da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA deixaram de adotar esse conceito, eventualmente os setores diretamente envolvidos do Exército Brasileiro devam realizar uma análise mais aprofundada, à luz da Doutrina Militar de Defesa, de forma a ratificar ou retificar esse entendimento.

Mas voltando ao foco do nosso artigo, procuramos inicialmente estabelecer um referencial metodológico, que creio eu, tenha sido uma avaliação qualitativa de caráter inédito nas ciências militares nacionais. Tal referencial se mostrou essencial para a resposta à problematização formulada, mas também, se revelou bastante útil para o desenvolvimento do trabalho como um todo, e que nos levou a buscar um aprofundamento muito mais bem direcionado para a análise crítica que se almejava.

Reunir o referencial teórico mais atualizado se mostrou um trabalho bastante importante e, não necessário citar, essencial. Mas a revisão bibliográfica ainda não nos satisfaz completamente, pois acabou nos deixando algumas dúvidas que precisariam ser eliminadas.

A busca por visões mais críticas foi, portanto, um passo muito importante para que pudéssemos efetivamente entender a epistemologia do termo “Guerra Híbrida”.

Um aspecto interessante foi constatar que os conceitos da suposta “Guerra Híbrida” foram

em sua maioria gestados no ventre do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Um encadeamento lógico e certa continuidade se revelam na leitura dos trabalhos do Tenente Walker, do Major Nemeth, do General Krulak, finalizando com o trabalho encomendado pela força anfíbia dos EUA ao Instituto Potomac, trabalho esse que acabou sendo elaborado pelo também Tenente-Coronel Fuzileiro Naval da Reserva Frank Hoffman. Mas é também curioso verificar que nunca tal conceito foi incorporado oficialmente à doutrina dos *Mariners*.

De posse do referencial metodológico e de uma extensiva revisão bibliográfica, creio que ficamos em boas condições de submeter a hipótese formulada inicialmente aos critérios epistemológicos adotados. Ficou patente que a hipótese de que o surgimento das ameaças híbridas poderia dar origem a uma nova tipologia da guerra no âmbito das ciências militares não atendeu ao exame realizado, conclusão inteiramente corroborada por posicionamento de inúmeros autores de renome.

Na metodologia adotada, baseada nos critérios epistemológicos apresentados por Quine, escolhemos de forma proposital que o critério da refutabilidade (falseabilidade) fosse analisado ao final, pois entendíamos este como sendo o mais relevante. E escolhemos justamente a Guerra da Ucrânia como evento a ser submetido à hipótese. Tal escolha se deu em função da importância do conflito para o momento atual do sistema internacional, mas também por ser ele o motor que nos levou a adotar um dúvida científica razoável, na medida que vinha sendo apontado por muitos como um modelo de “Guerra Híbrida”, tese que não se sustentou pela análise ora realizada.

Entretanto, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, os conceitos de “ameaças híbridas”, “métodos híbridos” e “táticas híbridas” se mostraram adequados e pertinentes. Tais ações, métodos ou táticas podem eventualmente constar de estratégias, planos e ordens, seja no contexto de uma guerra convencional ou irregular (não convencional), num conflito armado não declarado, ou mesmo numa escalada de uma crise.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL. As Guerras Holandesas no Nordeste 1624-1654. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/confliext3.htm>. Acesso em 6 mar. 2023.
- BARTOSH, A.A. Zakony I Principy Gibrinoy Vojny. Voennaja Mysl': Voенно-Teoreticheskij Djurnal, [s. l.], n. 10, 2022. Disponível em: <https://vm.ric.mil.ru/Stati/item/441390/>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- CARSWELL, Andrew J. Classifying the conflict: a soldier's dilemma. International Review of the Red Cross, [s. l.], v. 91, n. 873, p. 143-161, March 2009. Disponível em: <https://international-review.icrc.org/sites/default/files/irrc-873-7.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- CHIA, Robert; RASCHE, Andreas. Epistemological alternatives for researching strategy as practice: building and dwelling worldviews. In: GOLSORKHI, Damon et al. Cambridge Handbook of strategy as practice. Cambridge: Cambridge University Press, p. Cap. 2, p. 34-46, 2010.
- CLARK, Mason. Russian Hybrid Warfare. Washington, DC: Institute for the Study of War, 2020. 32 p. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/report/russian-hybrid-warfare>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- CLAUSEWITZ, C. O Voinê. Mosckva: Eksmo, 2013.
- COUTINHO, Marco A. F. Geopolítica e ciências afins: considerações teóricas. Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares, v. 15, n. 52, p. 61-90, 18 dez. 2020.

COX, Dan G.; BRUSCINO, Thomas; RYAN, Alex. Why Hybrid Warfare is Tactics not Strategy: A Rejoinder to Future Threats and Strategic Thinking. *Infinity Journal*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 25-29, Spring 2012.

DEPARTMENT OF DEFENSE (USA). Fact Sheet. National Defense Strategy 2022, Washington, DC, 28 mar. 2022. Disponível em: <https://media.defense.gov/2022/Mar/28/2002964702/-1/-1/1/NDS-FACT-SHEET.PDF>. Acesso em: 21 fev. 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO (Brasil). Comandante do Exército. Conceitua Ciências Militares, estabelece a sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo. Portaria nº 734. Brasília, 19 ago. 2010. Disponível em: https://www.decex.eb.mil.br/port/_leg_ensino/2_educacao_eb-decex/29_port_734_CmtEB_19Ago2010_ConcCienciasMil.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

_____. Chefe do Estado-Maior do Exército. Aprova o Manual de Fundamentos Estratégia. Portaria nº 187. Brasília, 11 ago. 2020.

_____. Chefe do Estado-Maior do Exército. Aprova o Manual de Fundamentos Conceito Operacional do Exército Brasileiro – Operações de Convergência 2040. Portaria nº 971. Brasília, 10 fev. 2023.

EUROPEAN CENTRE OF EXCELLENCE FOR COUNTERING HYBRID THREATS (Finland). Hybrid threats as a concept. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.hybridcoe.fi/hybrid-threats-as-a-phenomenon/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FERREIRA, Walter da Costa. A Importância da Estratégia Militar para a Elaboração de Conceitos Operativos Futuros. *Análise Estratégica*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 73-84, dez. fev. 2023. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/11456>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FRIDMAN, Ofer et al. (ed). *Hybrid conflicts and information warfare: new labels, old politics*. London: Lynne Rienner Publishers, 2019.

GERASIMOV, Valeriy. Cennost Nauki v Predvidenii: Novii vjzovii trebuüt pereosmiislit' Formii i Sposobii Vedenia Boevii Deystviiy. [S. l.], 27 fev. 2013. Disponível em: https://vpk.name/news/85159_cennost_nauki_v_predvidenii.html. Acesso em: 21 fev. 2023.

HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.

_____. Examining Complex Forms of Conflict: Gray Zone and Hybrid Challenges. *Prism*, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 30-47, 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/26542705>. Acesso em: 7 mar. 2023.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS. International Humanitarian Law: a branch of international law governing the conduct of States and individuals. [S. l.], 2023. Disponível em: https://casebook.icrc.org/law/fundamentals-ihl#_ftnref_018. Acesso em: 25 fev. 2023.

ISSERSON, Gregorii. *The Evolution of Operational Art*. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press, July 2013. 111 p.

KÄIHKÖ, Ilmari. The Evolution of Hybrid Warfare: Implications for Strategy and the Military Profession. *The US Army College Quarterly: Parameters*, [s. l.], v. 51, n. 3, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://press.armywarcollege.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3084&context=parameters>.

Acesso em: 21 fev. 2023.

KAPUSTA, Philip. The Gray Zone. *Special Warfare*, Fort Bragg, v. 28, n. 4, p. 18-25, oct. dec. 2015. Disponível em: <https://www.dvidshub.net/publication/issues/27727>. Acesso em: 26 fev. 2023.

KONG, Weilong. MARLER, Timothy. Ukraine's lessons for the Future of Hybrid Warfare. 28 nov. 2022. In: HAND COORPORATION. *The Hand Blog*. Disponível em: <https://www.rand.org/blog/2022/11/ukraines-lessons-for-the-future-of-hybrid-warfare.html>. Acesso em: 6 mar. 2023.

KREMLIN (Rússia). President of the Russian Federation. On the National Security Strategy of the Russian Federation. Decree nº 400. Moscow, 2 jul. 2021. Disponível em: https://paulofilho.net.br/wp-content/uploads/2021/10/National_Security_Strategy_of_the_Russia.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

KRULAK, Charles C. The Strategic Corporal: Leadership in the three-block war. *Leatherneck: Magazine of the Marines*, [s. l.], v. 82, n. 1, p. 14-17, Janeiro 1999.

LEAL, Paulo César. A Guerra Híbrida: Reflexos para o Sistema de Defesa do Brasil. *Doutrina Militar Terrestre em Revista*, Brasília, v. 4, n. 9, p. 6-17, 4 jan. 2016. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/DMT/article/view/722>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MACMILLAN, Margaret. War: How Conflict Shaped Us. [S. l.]: Johns Hopkins School of Advanced International Studies, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://bipr.jhu.edu/events/2577-War-How-Conflict-Shaped-Us.cfm>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MAGANOV, Valentin N. Formy i Sposoby Primeneniya Gruppyrovok Vojsk (Sil) v Vooruzheniix Konfliktax i Lokal'niix Voynax. *Militaryarticle: Voennaya Mysl'*, [s. l.], n. 2, 1996. Disponível em: <http://militaryarticle.ru/voennaya-mysl/1996-vm/8839-formy-i-sposoby-primenenija-gruppyrovok-vojsk-sil>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MANSOOR, Peter R. Hybrid Warfare in History. In: MURRAY, Williamson; MANSOOR, Peter R. (ed.). *Hybrid Warfare: Fighting Complex Opponents from the Ancient World to the Present*. New York: Cambridge University press, 2012. cap. 1, p. 1-18.

MINISTÉRIO DA DEFESA (Brasil). Ministro da Defesa. Aprova o Manual de Emprego do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) nas Forças Armadas. Portaria Normativa nº 1.069. Brasília, 5 maio 2011. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/md34a_ma_03a_dicaa_1aed2011.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

_____. Ministro da Defesa. Aprova o Glossário das Forças Armadas. 5 ed. Portaria Normativa nº 9. Brasília, 13 jan. 2016. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

_____. Ministro da Defesa. Aprova a Doutrina de Operações Conjuntas. v. 1. Portaria Normativa nº 84. Brasília, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md30-m-01-vol-1-2a-edicao-2020-dou-178-de-15-set.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MINISTRY OF DEFENCE (Russian Federation). Mission and Objectives of the Russian Armed Forces. In: *Tasks*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://eng.mil.ru/en/mission/tasks.htm>. Acesso em: 21 fev. 2023.

NAJŽER, Brin. *The Hybrid Age: International Security in the Era of Hybrid Warfare*. London: Tauris, 2020. 238 p. ISBN 978-0-7556-0251-3.

NASCIMENTO, Hertz P. A abrangente concepção de emprego da Força Terrestre. *Doutrina Militar Terrestre em Revista*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 18-29, abr. jun. 2013. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/DMT/article/view/627/688>. Acesso em: 4 mar. 2023.

NEMETH, Willian J. Future war and Chechnya: A Case for Hybrid Warfare. Orientador: Gordon McCormick. 2002. 100 p. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciências Militares) - Naval Postgraduate School, Monterey, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/36699567.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. Heads of State and Government at the NATO Summit. NATO 2022. Strategic Concept. Madrid, 29 jun. 2022. Disponível em: https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2022/6/pdf/290622-strategic-concept.pdf. Acesso em: 5 mar. 2023.

_____. NATO's response to hybrid threats. 10 fev. 2023. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm. Acesso em 6 mar. 2023.

OLIVEIRA, Cinthia R. In: Seminário Sobre Universidade e Formação Científica, v. 1, 2016, Passo Fundo. *Ciência, Método e Pesquisa: Critérios de Cientificidade*. Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/sufc/2016-Oliveira.pdf. Acesso em: 25 fev. 2023.

PINTO HOMEM, Henrique de Castro. Operação São Francisco: Análise do emprego do GptOpFuzNav em uma operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). *O Anfíbio: Revista do Corpo de Fuzileiros Navais*, Rio de Janeiro, v. 33, 2015. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/cgcfm/sites/www.marinha.mil.br/cgcfm/files/Anfibio2015.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

PRUDNIKOV, L.A. Primenenie Nevoennyx Mer V Interesax Obespetchenija Voennoj Bezopasnosti Rossii. *Voennaja Mysl': Voенно-Teoreticheskij Djurnal*, [s. 1.], n. 1, 2023. Disponível em: <https://vm.ric.mil.ru/Stati/item/461891/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRIGUES, Fernando S. Análise da operacionalidade do conceito de guerra híbrida nos conflitos contemporâneos e seu suposto impacto para a segurança nacional no Brasil. *Revista Análise Estratégica*, Brasília, v. 22, n. 4, p. 35-50, set. nov. 2021. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/9305>. Acesso em: 21 fev. 2023

STOKER, Donald; WHITESIDE, Craig. Blurred Lines: Gray-Zone Conflict and Hybrid War—Two Failures of American Strategic Thinking. *Naval War College Review*, [s. 1.], v. 73, n. 1, p. 12-48, Winter 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/26868211>. Acesso em: 22 fev. 2023.

THE JOINT CHIEFS OF STAFF (USA). The National Military Strategy of the United States of America 2015. Washington DC, jun. 2015. Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/2015_National_Military_Strategy.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

_____. Description of the National Military Strategy 2018. Washington DC, 2018. Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/UNCLASS_2018_National_Military_Strategy_Description.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

_____. Joint Concept for Competing. Washington DC, 10 fev. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13WAYsbn5fyF-guDZH94UwDwoR1XWwQQx/view>. Acesso em: 28 fev. 2023.

THE WHITE HOUSE (USA). President of the United States of America. National Security Strategy. Washington, DC, 12 out. 2022. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/10/Biden-Harris-Administrations-National-Security-Strategy-10.2022.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

VIANNA BRAGA, Carlos Chagas (org.). 13 Anos do Brasil na MINUSTAH: Lições Aprendidas e Novas Perspectivas. Rio de Janeiro: Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, 2019. 300 p.

WALKER, Robert G. SPEC FI: the United States Marine Corps and Special Operations. Orientador: John Arquilla. 1998. 117 p. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciências Militares) - Naval Postgraduate School, Monterey, 1998. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/8989/specfiunitedstat00walk.pdf?sequence>.